

# REPRESENTAÇÕES DE JUVENTUDE NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA PAULO FREIRE – ACAIACA-MG

---

COSTA, Marcella Nunes Cordeiro. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa. Campus Universitário – Viçosa-MG CEP 36570-000. Telefone e fax: (31) 3899-2214. E-mail: marcella.costa@ufv.br.

DOULA, Sheila Maria. Professora do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa.

---

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo mapear as principais representações sobre juventude e juventude rural no contexto educacional da Escola Família Agrícola Paulo Freire, localizada na cidade de Acaiaca, Zona da Mata de Minas Gerais. A perspectiva deste estudo é qualitativa. Portanto, foram realizadas 11 entrevistas semiestruturadas com estudantes e profissionais da escola e grupo focal com 30 estudantes do terceiro ano do ensino médio. Os dados foram analisados com ênfase nas teorias das representações sociais. Aspectos como responsabilidade, interesse em conhecer e aprender o novo, fazer amizades e comunicação foram as representações de juventude predominantes nesse meio escolar. Percebeu-se que os elementos que deram significação às representações são aspectos universais do "ser jovem". Por outro lado, também foram significativas as representações que abordaram as diferenças entre jovens rurais e jovens urbanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representações; Juventude; Juventude rural, Escola agrícola.

## YOUTH REPRESENTATIONS AT PAULO FREIRE FAMILY FARM SCHOOL – ACAIACA-MG

### ABSTRACT

This article aims to map the main representations of youth and rural youth in the educational context of Paulo Freire Family Farm School, located in Acaiaca, Zona da Mata of Minas Gerais. The perspective of this study is qualitative. Therefore, semistructured interviews were conducted with eleven students and school professionals and focus groups with thirty high school students belonging to the third grade. The data were analyzed with emphasis on theories of social representations. Aspects such as responsibility, interest in knowing and learning the new, making friends and communication appeared as the most predominant representations of youth in this school context. It was noticed that the elements that gave meaning to representations of youth are universal aspects of "being young". On the other hand, the representations that addressed the differences between rural youth and urban youth were also significant.

**KEYWORDS:** Representations; Youth and Rural Youth; Farm School.

## INTRODUÇÃO

Os pesquisadores que abordam o meio rural recentemente lançaram seus olhares para a temática da juventude, fazendo com que esse segmento social passasse a ser estudado de forma mais sistemática desde meados da década de 1990. Na virada do século, Weisheimer (2005) considerava que esse objeto ainda permanecia invisível para a maioria dos pesquisadores, avaliação com a qual Carneiro concordava: "O interesse dos pesquisadores brasileiros sobre o universo social e cultural dos jovens rurais é recente, o que não acontece no que se refere à população jovem dos grandes centros urbanos, que têm atraído a atenção de um número muito mais amplo de estudiosos" (CARNEIRO, 2008, p. 243).

Apesar do aumento de visibilidade acadêmica que o tema vem alcançando, é de suma importância, ainda, realizar investigações sobre a juventude rural, tendo-se em conta o quadro alarmante no que tange à concretização de Direitos Humanos e à formulação de políticas públicas destinadas a esse segmento, como de geração de trabalho e renda, educacionais, contra a violência e a mortalidade juvenil, habitacionais, de saúde, culturais e de lazer. No entanto, a situação social do jovem brasileiro, apesar dessas ações governamentais, continua perpassada por vulnerabilidades, ainda mais quando se trata de jovens rurais. É inegável que a Política Nacional de Juventude<sup>1</sup> tem orientação clara para dialogar com as populações mais pobres e possui resultados que contribuiram para melhorar consideravelmente as condições de vida dos jovens, porém, ela precisa ser ampliada e universalizada, haja vista a diversidade das experiências juvenis brasileiras (SILVA e ANDRADE, 2009).

Juventude e juventude rural são, ainda, temas que reúnem uma heterogeneidade de olhares que variam conforme a época e a sociedade em questão. A juventude não pode ser definida de forma universal e, por isso, os cientistas sociais preferem falar de uma condição juvenil

– e não de faixa etária – que é percebida como realidade múltipla, fundada em representações sociais diversas (WEISHEIMER, 2005).

A juventude rural, igualmente, possui aspectos marcadamente diversos, haja vista a diversidade do próprio rural brasileiro. A noção de juventude rural é heterogênea, pois há várias "ruralidades" no país e, além disso, mesmo internamente a uma localidade, há fatores (econômicos, de escolaridade, de gênero, etc.) de diversidade. Dessa forma, é impossível construir um perfil ou tipo ideal para as "juventudes" brasileiras (CARNEIRO, 2008).

Este artigo tem como objetivo analisar as representações sobre juventude na comunidade escolar da instituição de ensino Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAP), localizada no município de Acaiaca, no Estado de Minas Gerais. Pretende-se mapear as representações predominantes entre os jovens rurais (os estudantes) e a comunidade escolar (funcionários e professores) e compreender o que é ser jovem no contexto dessa escola. Seguimos aqui as orientações de não julgar as representações por sua veracidade, mas de entendê-las a partir "de sua força, pelo seu grau de aceitação, socialização e capacidade mobilizadora" (PESAVENTO, 1998, p. 56).

Na escola foram realizadas 11 entrevistas semiestruturadas para identificar aspectos da representação de juventude entre os estudantes e profissionais da EFAP. Além disso, foi utilizada a técnica de grupo focal com 30 estudantes do terceiro ano do ensino médio, estabelecendo um debate sobre a condição juvenil tal como vivida por eles. Os dados foram tabulados, embora a perspectiva deste estudo tenha sido qualitativo, com ênfase analítica nas teorias das representações sociais.

## AS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS: PERSPECTIVA POLÍTICO-PEDAGÓGICA E HISTÓRICO

As Escolas Famílias Agrícolas – EFAs são

---

<sup>1</sup>A Política Nacional de Juventude foi implementada no Brasil em 2004 e reformulada várias vezes. Envolve programas de apoio e assistência juvenil em áreas como saúde, moradia, educação, etc.

instituições de ensino que têm como especificidades um direcionamento para a educação do campo e o foco na Pedagogia da Alternância. Têm como objetivo, sobretudo, oferecer uma educação diferenciada para o jovem rural. Essas escolas veiculam conteúdos que julgam adequados para a realidade dos estudantes, associando a formação intelectual e a formação para o trabalho e se distanciando de um modelo educacional classificado como urbanocêntrico.

O sistema de alternância permite ao estudante passar, no decurso de um período de três anos, um terço do seu tempo num quadro escolar e os dois outros terços no quadro familiar. É um ritmo que engloba um período de estudo na escola, alternado com outro período no trabalho (PESSOTTI, 1975).

Segundo Nascimento (2005), as EFAs surgiram em 1935 na França, como resposta aos problemas da educação rural do país. Na época, configurou-se como alternativa viável para os filhos dos camponeses, que antes não tinham acesso a um ensino formal. Surgia, assim, a Pedagogia da Alternância. As *Maison Familiale Rural* nasceram da iniciativa do Padre Abbé Granerau, que diagnosticou as necessidades dos pobres filhos de agricultores da sua igreja, que sentiam a dificuldade de dar continuidade aos estudos, devido à distância e ao limite de as escolas levarem em conta somente o universo valorativo urbano, inclusive no âmbito pedagógico. As EFAs e a Pedagogia da Alternância tiveram sua origem junto à igreja e às estruturas eclesiais, inclusive no Brasil. Estima-se que, atualmente, há cerca de mil Escolas Famílias Agrícolas em todo o mundo (FOERSTE e JESUS, s.d., p. 1).

No Brasil, as EFAs surgiram em 1969 por iniciativa do Padre Humberto Pietogrande, jesuíta italiano que percebeu a necessidade da Pedagogia da Alternância no Espírito Santo, devido ao significativo êxodo rural e à mão de obra não qualificada de grande parte dos migrantes alemães e italianos dessa região.

Nessa época o Brasil estava passando por grandes transformações econômicas e políticas. O êxodo rural era intenso, muitas famílias estavam deixando suas terras e migrando para

os centros urbanos em busca de melhores condições de vida. Por outro lado, crescia o processo de industrialização e a necessidade de mão de obra que servisse ao sistema capitalista industrial (FOERSTE e JESUS, s.d., p. 1).

Nesse contexto também surgiu o MEPES (Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo), fundado no Espírito Santo, berço das primeiras experiências de Pedagogia da Alternância no Brasil. O MEPES foi inspirado no modelo italiano, denominado Escolas Famílias Agrícolas (NASCIMENTO, 2005, p.3).

Segundo Foerste e Jesus (s.d.), foi a partir do MEPES que surgiu a primeira EFA, em março de 1969 na cidade de Olivância-ES. Na década de 1970 o modelo se disseminou em outros estados brasileiros e, atualmente, segundo Nascimento (2005), as EFAs estão presentes em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Ceará, Piauí, Maranhão, Pará, Amapá, Amazonas, Rondônia, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Cada EFA possui uma associação que mantém uma instituição de ensino. Por sua vez, as EFAs estão organizadas regionalmente em associações, nacionalmente na UNEFAB, com sede em Brasília-DF, e mundialmente na AIMFR (Associação Internacional das *Maison Familiares Rurales*), "que tem por objetivo representar as EFAs junto aos organismos supranacionais como a FAO e a ONU, assim como incentivar a Pedagogia da Alternância a partir das pesquisas junto às universidades do mundo inteiro" (NASCIMENTO, 2005, p. 4).

A EFA Paulo Freire, lócus empírico desta pesquisa, tem sede na comunidade rural Boa Cama, situada em Acaiaca-MG. A escola surgiu em 2004 e está vinculada à Associação Regional Escola Família Agrícola Paulo Freire – AREFAP, entidade mantenedora do projeto. Ela oferece o ensino médio integrado ao técnico em agropecuária para filhos de agricultores e de não agricultores de diversas localidades do estado de Minas Gerais, e inclusive de outros estados.

De acordo com seu Projeto Político Pedagógico

– PPP, a escola tem como objetivo uma formação que "respeite a vida, os seres humanos e os recursos naturais". A escola busca, dessa forma,

promover uma formação integral desses jovens e adolescentes, contribuindo para o desenvolvimento sustentável do meio rural e integrando famílias e comunidades; e juntar a sabedoria prática com a teórica possibilitando condições indispensáveis para serem protagonistas de uma sociedade em transformação (PPP Escola Família Agrícola Paulo Freire).

A escola, segundo esse documento, também busca contribuir para a permanência dos seus alunos e ex-alunos no campo, uma vez que uma das principais justificativas apontadas no texto para a criação da própria escola é criar a oportunidade para o jovem poder estudar sem se desvincular do meio em que vive e, ainda, poder buscar mais conhecimentos para permanecer nele. Pode-se afirmar, sobretudo, que a instituição, mesmo atendendo a um público urbano e rural, busca preparar o jovem para o trabalho no campo. Como veremos adiante, a representação da escola sobre esse jovem, seu aluno, tece suas justificativas pedagógicas em diálogo com um conjunto de representações, já de senso comum, que ligam os jovens rurais ao problema social das migrações e do abandono das atividades agrícolas.

### **A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES**

Émile Durkheim e Marcel Mauss (2001) trouxeram significativa contribuição para a sociologia e antropologia em "Algumas formas primitivas de classificação – Contribuição para o estudo das representações coletivas", trabalho no qual desenvolvem o conceito de classificação. É a partir daí que a noção de representações coletivas aparece também na obra do sociólogo Durkheim. Com essas categorias sociológicas, os autores constroem o pressuposto de que todas as sociedades buscam formas de definir e classificar as coisas, de "ordená-las em grupos distintos entre si,

separados por linhas de demarcação nitidamente determinadas", dispondo-as por suas relações e hierarquias (DURKHEIM e MAUSS, 2001, p. 400). Na obra de Durkheim está presente a noção de que o indivíduo só lê o mundo através das representações coletivas, elaboradas a partir da função classificadora. Para ele, as classificações são sistemas mentais e cognitivos "destinados [...] a unir as ideias entre si, a unificar o conhecimento. Classificar não é apenas constituir grupos: é dispor estes grupos segundo relações muito especiais. [...]" (DURKHEIM e MAUSS, 2001, p. 403).

A classificação não é produto da atividade individual, mas está ligada à própria sociedade, e, portanto, cabe à sociologia estudá-la. Para Durkheim (2008), as representações que o espírito humano faz (e sempre fez) do mundo também são eminentemente sociais, são igualmente coletivas e exprimem, dessa forma, realidades coletivas. Assim, as categorias são coisas sociais, produtos do pensamento construído, herdado e socializado.

As representações coletivas variam segundo o tempo e as culturas. "Além do mais, as categorias do pensamento humano jamais estão fixadas sob uma forma definida; fazem-se, desfazem-se e refazem-se ininterruptamente; mudam segundo os lugares e os tempos" (DURKHEIM, 2008, p. 215). Para Durkheim, as categorias são produtos do capital social de grupos humanos, acumulado por longas gerações, e, portanto, são mais ricas que a intelectualidade individual.

Para Jodelet (2001), que reforma a teoria durkheimiana, as representações são construções e expressões do sujeito, mas do ponto de vista psicológico e social. As representações são, ainda, formas de saber prático (conhecimento) que ligam o sujeito ao objeto e que guiam a ação sobre o mundo e sobre o outro. Podem estar ligadas à atividade mental de um grupo ou coletividade e aos efeitos ideológicos dessa. É um acordo para a comunidade científica que representação é:

[...] uma forma de conhecimento, socialmente

elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social [...] Geralmente, reconhece-se que as representações sociais – enquanto sistema de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais (JODELET, 2001, p. 23).

A autora apresenta, sobretudo, a importância de situar as representações no devir social, ou seja, compreender a cognição como algo social, tendência essa da qual a antropologia mais se aproxima. Dessa forma, a análise de "texto e contexto", ou seja, remeter o estudo cognitivo do saber a suas condições de produção, circulação e finalidade se revela promissora. É sempre necessário, nos estudos sobre as representações, perguntar "quem sabe e de onde sabe? O que e como sabe? Sobre o que e com que efeito?" (JODELET, 2001, p. 28).

Segundo Pesavento (1995), a representação é sempre referência a um outro (ausente). Ela "enuncia, se reporta, evoca outra coisa não explícita e ausente" (PESAVENTO, 1995, p. 15). As imagens sobre o real não são exatamente o real ou o espelho da realidade, pois o processo de representação envolve a relação entre significantes (imagens, palavras, símbolos) e significado. Mas o imaginário envolve também uma significação para além do aparente. É necessário, portanto, decifrar as representações através da análise de texto/contexto.

[...] a sociedade constrói a sua ordem simbólica, que, se por um lado não é o que se convencionou chamar de real (mas sim sua representação), por outro lado é também uma outra forma de existência da realidade histórica... embora seja

de natureza distinta daquilo que convencionamos chamar de real, é por seu turno um sistema de ideias-imagens que dá significado à realidade, participando, assim, de sua existência. Logo, o real, é, ao mesmo tempo, concretude e representação [...] (PESAVENTO, 1995, p. 16).

#### **JUVENTUDE E JUVENTUDE RURAL**

As categorias juventude e juventude rural podem ser analisadas de diferentes maneiras e variam conforme a época e a sociedade em questão, pois, como qualquer outra classificação social, a juventude é socialmente construída (WEISHEIMER, 2005).

Algumas abordagens definem a categoria juventude a partir de elementos físicos/psicológicos, como faixa etária, mudanças físico-biológicas e/ou comportamentais. Nessa perspectiva, a juventude apareceria como uma unidade social e passível de definição universal, na qual os jovens rurais estariam inseridos, sem nenhuma especificidade. A juventude seria, portanto, um grupo que partilha interesses comuns, relacionados a uma idade biológica.

Noutra perspectiva, Bourdieu aponta que ser jovem ou velho não é algo dado, mas construído socialmente no conflito entre gerações. "A fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades" (BOURDIEU, 1983, p. 112). Sempre somos o jovem ou o velho de alguém, afirma Bourdieu. Para ele, a idade é um dado manipulável e manipulado, ou seja, classificações por faixa etária acabam por impor limites e produzir uma ordem. O autor destaca, portanto, a existência de "juventudes". O jovem teria interesses coletivos de geração, mas o que sobressai da interpretação de Bourdieu é a ideia da juventude como um objeto de manipulações da sociedade, que alarga ou estreita essa fase, dependendo das condições do mercado de trabalho para incorporar esse jovem.

Segundo Weisheimer (2005), que realiza um levantamento bibliográfico sobre os estudos de juventude no Brasil, alguns pesquisadores enfatizam a abordagem da faixa etária e definem juventude utilizando como critério a idade, apoiando-se em indicadores demográficos estabelecidos internacionalmente para

definir o que é jovem. O autor chama a atenção para o problema dessa abordagem, visto que as fronteiras entre os grupos de idade são socialmente construídas. "A definição de limites etários é obviamente arbitrária e não dá conta das diferenças entre idade biológica e idade social" (WEISHEIMER, 2005, p. 21). Pais (1990), também fazendo uma revisão acerca das publicações sobre a temática, afirma que haveria uma tendência da sociologia da juventude em tomá-la como um conjunto social homogeneizado em termos de aspectos culturais, sendo possível falar de uma "cultura juvenil" ancorada em termos etários.

Uma das abordagens mais utilizadas é a da juventude como estado transitório da vida, definição assumida pela Unesco a partir da Conferência Internacional sobre Juventude, realizada em Grenoble (1964). Esse estado teria um começo definido pelo aparecimento da puberdade e término variado, como um estágio de passagem para a vida adulta (ou vida social plena). Um aspecto de relevância nessa perspectiva da transição juvenil é o ingresso no trabalho, que garantiria ao jovem mais autonomia e responsabilidade, em termos de direitos e deveres (WEISHEIMER, 2005).

Wanderley (2007), ao utilizar essa abordagem para a compreensão da juventude rural, considera que a demarcação dessa fase seria imprecisa, referindo-se ora à saída da casa paterna, ora ao início da vida profissional, ora ao fim dos estudos ou ainda à constituição da nova família. Os jovens rurais, porém, conforme Wanderley (2007), possuem particularidades frente ao universo de jovens brasileiros, pois vivenciam uma dupla dinâmica social entre o campo e a cidade. A experiência dos jovens rurais e sua inserção na sociedade guardam, por um lado, uma ligação com o passado, a tradição e a família e, por outro, uma ligação com o futuro, com as perspectivas de vida profissional, educacional, matrimonial, estratégias de ruptura ou continuidade com o mundo rural.

Castro (2009a) identifica também uma perspectiva teórica que associa a juventude e o jovem à transformação social. Abordada dessa forma, a juventude seria representada positivamente, por exemplo, como "vanguarda" ou "revolucionária", por

"um olhar quase heroico da 'juventude'" (CASTRO, 2009a, p. 186). Esse perfil, quando atribuído ao jovem rural, remete constantemente à associação com a inovação tecnológica, o futuro e a superação das profundas desigualdades sociais que marcam o campo brasileiro.

Ao estudar jovens pertencentes aos movimentos sociais do campo, Castro (2009b) destaca que a juventude pode ser entendida como uma categoria social e também política, pois os próprios jovens estudados afirmaram que poderiam ocupar um papel estratégico na promoção de mudanças políticas no campo. Muitos deles reforçaram o rural como meio de vida, de trabalho e de relação com a natureza, mas que seria melhor se houvesse acesso a bens e serviços.

No que concerne mais especificamente à juventude rural, podemos acrescentar a leitura que caracteriza os jovens como sujeitos profundamente afetados: pela precariedade (própria das zonas rurais) de acesso a bens e serviços socialmente necessários; pelo desemprego; e, conseqüentemente, pela tendência da migração campo-cidade. Segundo Castro (2009b), há uma literatura clássica que vincula a juventude rural ao problema social do êxodo, do desinteresse pelo campo e da atração pela cidade. Ferreira também aponta a migração como tema recorrente nos estudos que buscam a compreensão do jovem rural, mas entende que a tendência migratória e o desinteresse pelo campo são justificados, em grande parte, pela visão negativa que se têm da atividade agrícola, além, obviamente, pelas dificuldades de acesso a serviços e oportunidades de trabalho no meio rural (FERREIRA, 2009).

Castro compreende que a juventude rural é, de fato, uma categoria subalterna na sociedade atual, mais ainda quando os jovens são mulheres ou homossexuais. Ser jovem no meio rural significa enfrentar um ambiente desigual e violento, subjugado pela hierarquia campo-cidade que permanece reproduzida na sociedade brasileira, é vivenciar as dificuldades de acesso a bens e serviços, e, ainda, o preconceito e estigma de "ser do campo" (CASTRO, 2009b).

Dayrell (2012) aproxima-se de Bourdieu (1983) e Castro (2009) ao suscitar as condições do mercado

de trabalho brasileiro como fator estruturante da vida dos jovens, principalmente dos pertencentes a camadas populares. As precárias condições de trabalho juvenil determinam seus campos de possibilidades e produzem incertezas em suas vidas:

É necessário situar as mutações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho que, no Brasil, vem alterando as formas de inserção dos jovens no mercado, com uma expansão das taxas de desemprego aberto, com o desassalariamento e a geração de postos de trabalho precários, que atingem, principalmente, os jovens das camadas populares, delimitando o universo de suas experiências e seu campo de possibilidades. Um grande desafio cotidiano é a garantia da própria sobrevivência, numa tensão constante entre a busca de gratificação imediata e um possível projeto de futuro. (DAYRELL, 2012 p. 1108).

A bibliografia pesquisada enfatiza que a juventude e a juventude rural não podem ser entendidas de forma universal, mas como "juventudes". Como representação social, coloca-se a necessidade, portanto, de compreender o que é ser jovem dentro das especificidades de cada contexto. Para Pais:

a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertencas de classe, diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc. Neste outro sentido, seria, de fato, um abuso de linguagem subsumir sob o mesmo conceito de juventude universos sociais que não têm entre si praticamente nada de comum (PAIS, 1990, p. 140).

A heterogeneidade da juventude rural também é abordada por Carneiro (2008), que sugere o estudo das "ruralidades", haja vista a diversidade do universo rural brasileiro. Para compreendê-la, é necessário

destacar a multifuncionalidade do rural, que agora passa a não ser apenas agrícola, mas incorpora atividades diversas. Essa "nova ruralidade" tem afetado com maior intensidade o jovem rural, que vivencia as inovações da modernidade e se identifica com aspectos culturais diversos. Vivencia, ainda, a ambiguidade entre permanecer no campo ou migrar para a cidade, a partir do trânsito mais facilitado pelas tecnologias entre a cultura local e a global.

Buscou-se nesta seção mapear algumas visões sobre juventude e juventude rural, como forma de subsidiar teoricamente este trabalho, mas, obviamente a discussão não foi esgotada. Diante das abordagens expostas, esta pesquisa procurou contribuir com a perspectiva de juventude como representação social, uma vez que é objetivo deste estudo analisar a representação sobre juventude no contexto sociocultural da EFAP.

#### **PERCURSO METODOLÓGICO**

Este artigo é de natureza descritiva e para a sua elaboração foi utilizada uma metodologia qualitativa. A coleta de dados foi realizada durante o mês de março de 2013 na EFAP. A população selecionada foi composta por estudantes, monitores e profissionais daquela comunidade escolar.

Foram realizadas 11 entrevistas semiestruturadas para identificar aspectos da representação de juventude predominante entre os estudantes e profissionais da EFAP. Outra técnica foi a realização de um grupo focal com 30 estudantes do terceiro ano do ensino médio, que teve como objetivo conhecer melhor o grupo e compreender o que é ser jovem para eles. Os dados foram analisados com base na teoria das representações sociais.

#### **RESULTADOS E DISCUSSÃO: AS REPRESENTAÇÕES SOBRE JUVENTUDE NO CONTEXTO DA EFAP**

Buscou-se, nesta seção, compreender o que é ser jovem para os estudantes e profissionais da EFAP, mapeando qual a visão que eles têm sobre juventude, considerando a representação como produto do pensamento coletivo e que, como pontuam os autores

Durkheim e Mauss (2001), Jodelet (2001) e Pesavento (1995), exprimem uma realidade coletiva. A origem social dessas representações também é outro aspecto importante a ressaltar; elas dizem respeito ao coletivo específico de estudantes, monitores e funcionários da EFAP e sofrem influências dos fatores sociais e históricos específicos do contexto educacional que esses atores vivenciam.

Vimos na parte instrutória deste artigo que o Projeto Político Pedagógico da EFAP, através da utilização metodológica da Pedagogia da Alternância, procura aliar escola e trabalho em um momento que, como a bibliografia sobre a juventude indica, é crucial na definição das identidades juvenis e nas formas de demarcação da passagem para a vida adulta. Diferente de parcela da juventude urbana, que dispõe de uma moratória social para o prolongamento da fase de estudos (DAYRELL, 2012), jovens de contextos populares e rurais ingressam na vida do trabalho muito cedo e, especificamente no campo, as necessidades das famílias em contar com os jovens como força de trabalho acabam impondo à escola um viés eminentemente pragmático. O Projeto da EFAP deixa isso claro quando defende que:

As famílias precisam de uma escola que ensine aos seus filhos/as a lidarem com a terra, o meio ambiente, de forma criativa, inovadora e independente de fatores externos à sua propriedade e que lhes proporcione segurança, através do conhecimento de valores éticos, morais, intelectuais, meios de convivência com o meio rural, onde os jovens possam adquirir todos os conhecimentos da base nacional comum e ainda preparar para exercer empreendimento dentro da sua comunidade, não precisando sair (PPP Escola Família Agrícola Paulo Freire).

Nessa passagem ficam claras algumas representações sobre os jovens rurais, notadamente

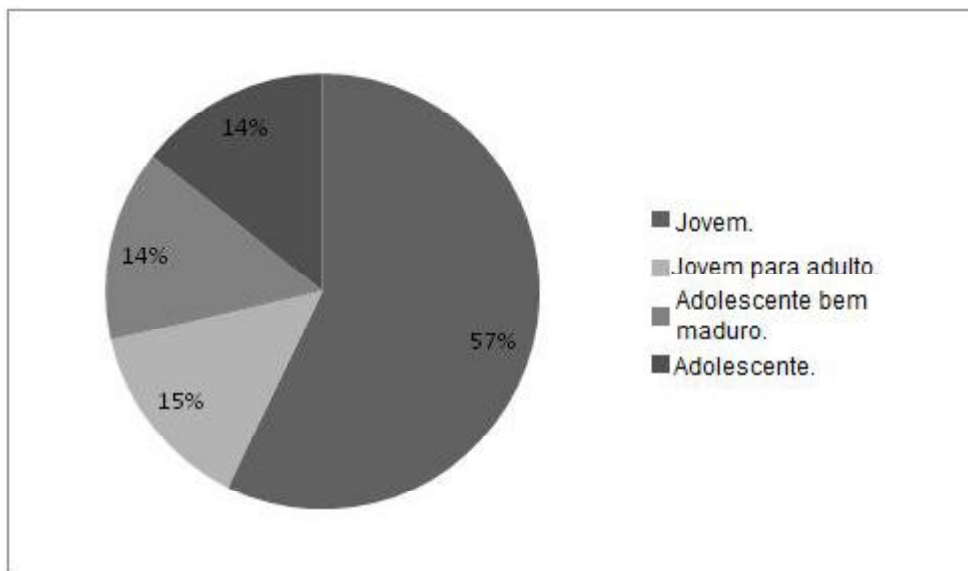
aquelas que estabelecem um diálogo com outras representações circulantes na sociedade mais ampla, que identificam na juventude o protagonismo das mudanças sociais, mas também o perigo das migrações, do desinteresse ou do desapego às tradições. Assim, o discurso escolar inicia pela evocação da família, estando os jovens na condição de filhos(as), passa pelo papel que a comunidade local espera dos jovens e termina com a possibilidade da permanência juvenil.

As condições para essa permanência estão dadas a partir daquilo que, na visão do projeto pedagógico, seriam os atrativos próprios da condição juvenil: criação, inovação e independência, ideias que, em se conjunto, elegem o jovem como símbolo do protagonismo social e definem seu status heroico (CASTRO, 2009a, p. 186).

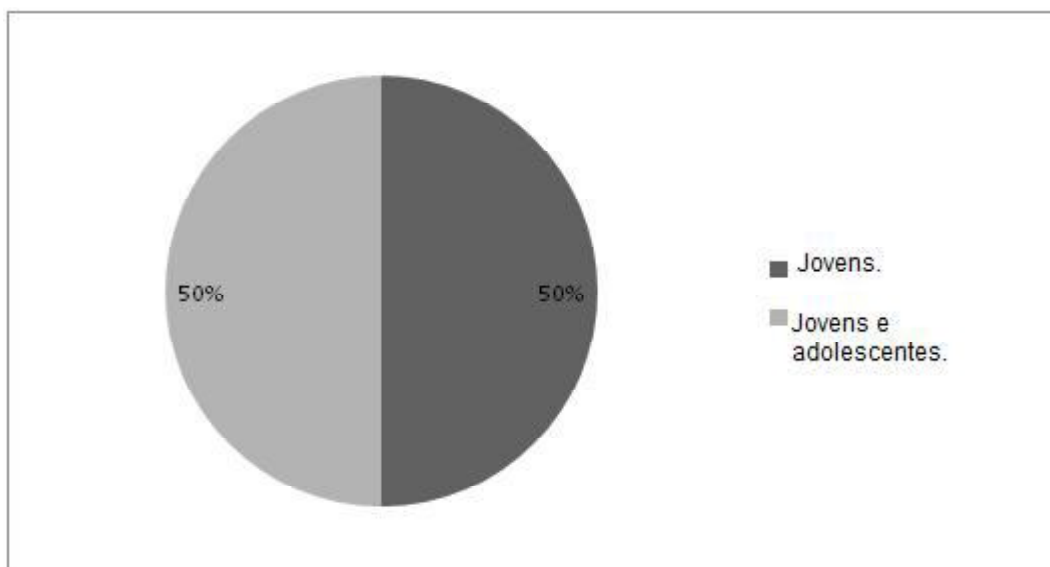
O papel da escola, nesse sentido, é de "contribuir, através da educação geral, humana e profissional de jovens camponeses/as, para que se tornem agentes de transformação social" (PPP). O papel de agente, nesse caso, é um recurso linguístico importante para entendermos como a escola se posiciona à falta de oportunidades dadas aos jovens rurais, representados comumente como fadados à migração ou passivamente atraídos pelo mundo urbano. Em vários momentos o Projeto Pedagógico retoma o problema do êxodo rural e justifica a sua metodologia, afirmando que "os jovens filhos/as de agricultores há muito esperam por essa oportunidade, para poderem prosseguir seus estudos sem desvincular da família e do mundo do trabalho" (PPP).

Durante as entrevistas, foi perguntado aos alunos e profissionais da escola como eles se identificavam em relação à fase da vida (infância, adolescência, juventude, adulta, velhice) na qual eles se encontravam ou, especificamente para os profissionais, questionou-se como eles identificavam os estudantes. A maioria deles, como se vê nos Gráficos 1 e 2, identificaram a juventude como fase da vida predominante na escola. Alguns se identificaram como adolescentes ou também como algo mais próximo da vida adulta.





**Gráfico 1** – Auto classificações dos estudantes da EFAP.  
**Fonte:** Pesquisa de campo, 2013.



**Gráfico 2** – Classificações dos estudantes pelos profissionais da EFAP.  
**Fonte:** Pesquisa de campo, 2013.

Em linhas gerais, percebeu-se, entre os entrevistados, uma tendência em definir a fase da vida em que os estudantes se encontram a partir de critérios etários, ou seja, em classificar juventude de forma universal, relacionando-a à idade biológica, tendência

pontuada por Weisheimer (2005). Isso se repetiu principalmente nas entrevistas com os profissionais que atuam na EFAP que, em sua maioria, fizeram a tentativa de dimensionar a organização da escola como um todo e de apresentar questões mais específicas e amplas do

seu cotidiano (forma de organização, instrumentos pedagógicos, problemas enfrentados, etc.). O jovem foi definido, assim, em termos etários, como se pode perceber na fala de uma das monitoras entrevistadas:

Hoje eu acho difícil até dividir muito, às vezes, por que, por exemplo, tem alunos aqui um pouco mais velhos, que já têm 20 e 21 anos e tem alguns que conseguem formar, terminar o ensino fundamental mais depressa, com 13 ou 14 anos [...]. São os três últimos anos do Ensino Médio, mas tem uma faixa etária, né, uma faixa diferente. Então, assim, tem aqueles que estão na adolescência, ainda. Vêm pra cá com 14 anos, bem novos. E tem os que já, jovens, da fase adulta quase, 21. Acho que tem um que vai fazer 22 anos agora. Então assim, é muito relativo. Tem uma faixa etária bem grande. (Entrevista de uma das profissionais da EFAP, 2013).

A juventude relacionada a um comportamento específico, mas não necessariamente a uma idade biológica, também foi identificada nas falas dos entrevistados, como se houvesse uma forma de pensar e agir comum entre os jovens. Ou ainda, alguns dos entrevistados mencionaram a possível existência de um "espírito juvenil" que independe da idade:

Ser jovem? Ser jovem está relacionado à faixa etária, sim, mas também relacionado à própria pessoa,

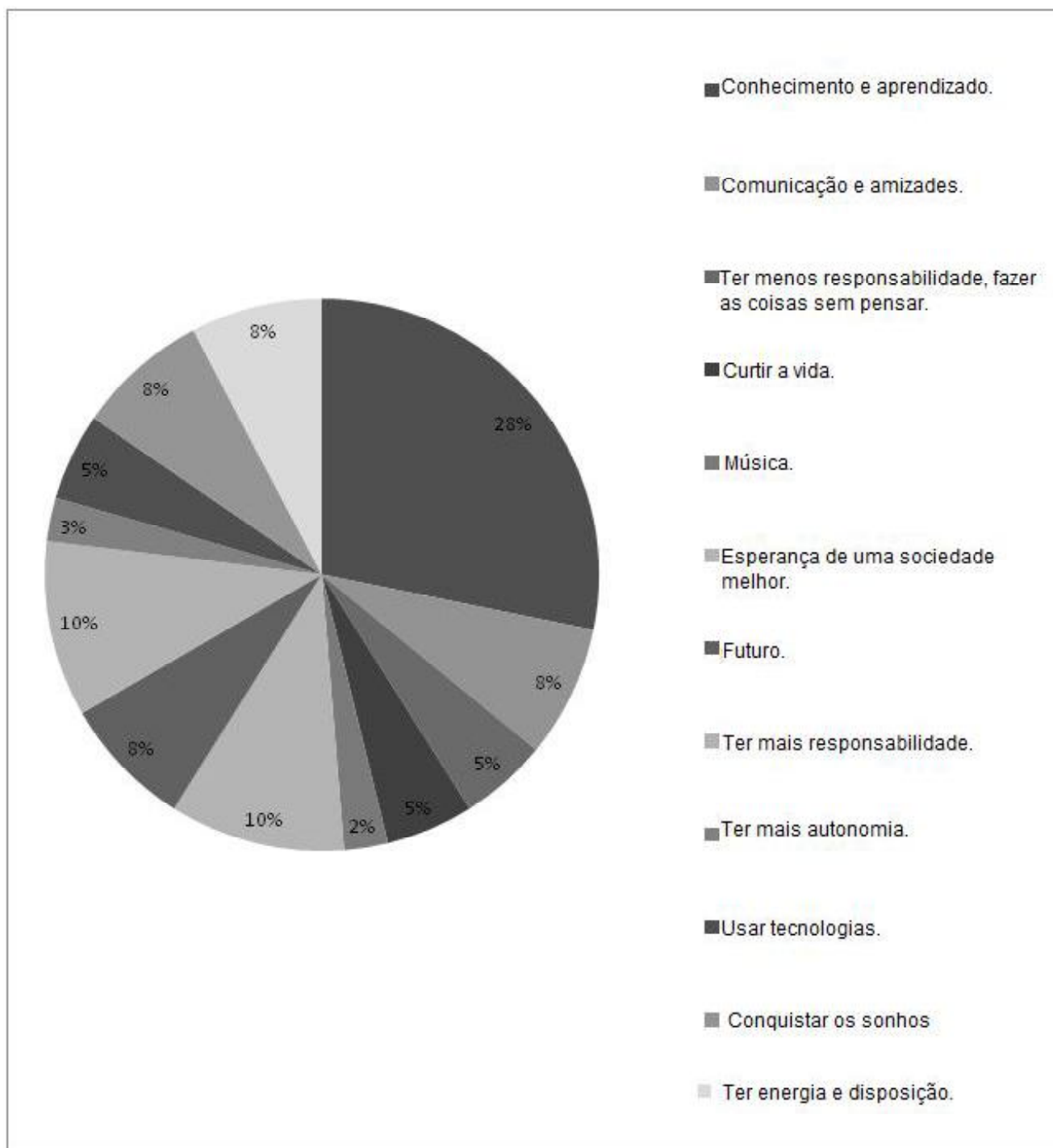
como que ela vê a vida. Às vezes é uma pessoa com 40 anos, mas tem um espírito jovem [...]. Então acho que ser jovem é relativo, depende da postura. (Entrevista de uma das profissionais da EFAP).

Ou ainda:

Jovem primeiramente tá na mente, né. Acho que não na idade, né. Acho que na forma como têm vontade de realizar as coisas. Acho que essa intensidade das coisas, acho que caracteriza um pouco do espírito juvenil e não a idade necessariamente. Apesar de nessa idade a gente conseguir ver tudo isso mais materializado. (Entrevista de um dos profissionais da EFAP).

Nesse sentido também foram identificadas representações que classificaram a juventude como uma etapa da vida ou uma fase de transição entre ser criança e ter a responsabilidade de adulto, o que vai ao encontro da abordagem da juventude como fase transitória da vida ou de transição para a vida adulta plena, também mapeada por Weisheimer (2005).

Em relação ao conteúdo propriamente dito, perguntou-se aos entrevistados o que marca ou caracteriza a fase da juventude. Em relação à essa questão, primeiramente no que tange às respostas dadas pelos estudantes no grupo focal realizado em sala de aula, obtiveram-se as seguintes respostas, sintetizadas no Gráfico 3:



**Gráfico 3** – Representações sobre juventude dos estudantes da EFAP.

**Fonte:** Pesquisa de campo, 2013.

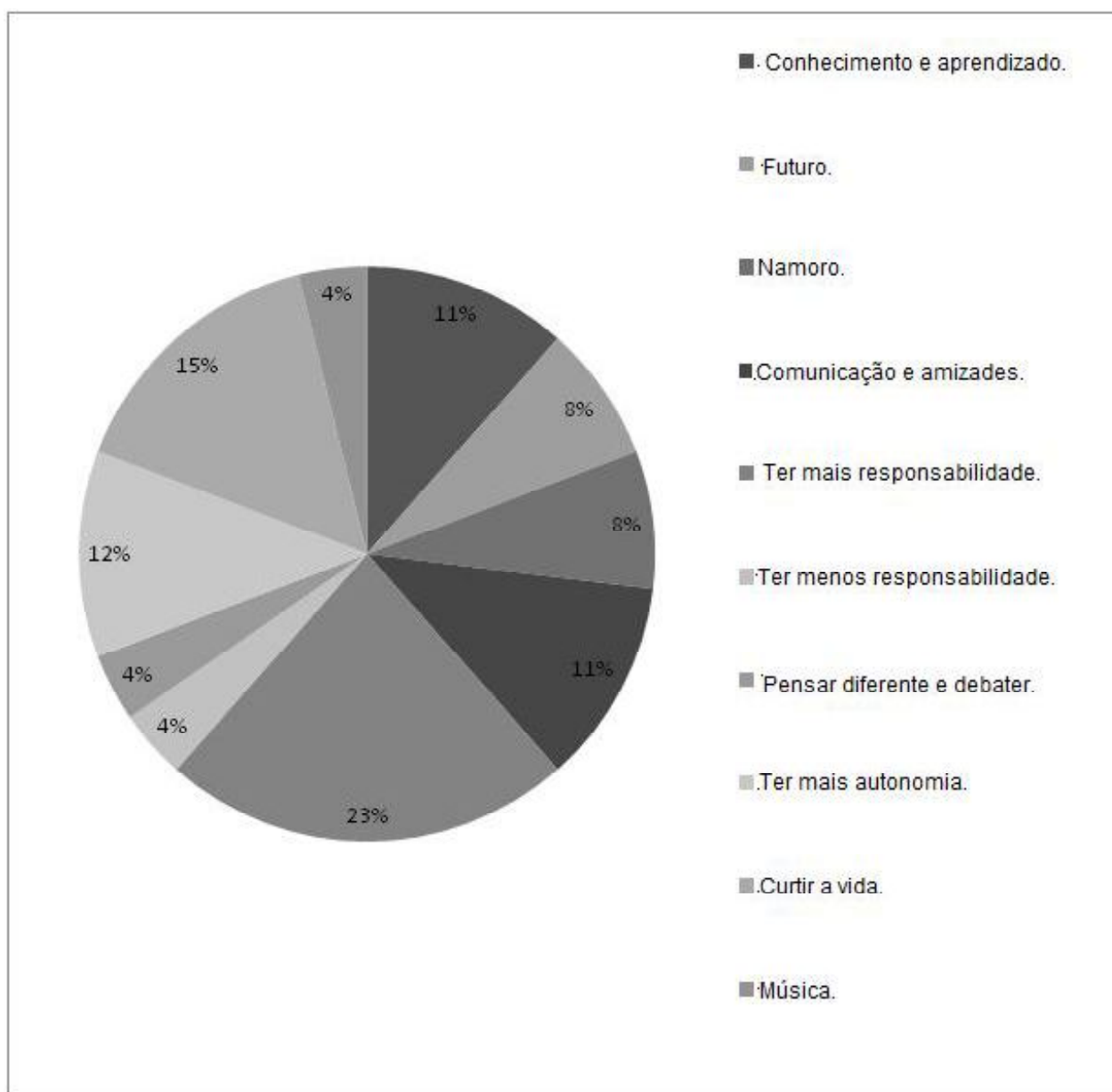
Pode-se dizer que nesse primeiro momento, com todos os estudantes do terceiro ano do ensino médio, as representações de juventude predominantes foram aquelas que relacionam o jovem à busca de novos conhecimentos e de novos aprendizados. Como resultado do grupo focal, reuniram-se elementos como: construir novos caminhos, ter curiosidade, querer conhecer, ter facilidade de aprender, ter muitas ideias, ser inovador, buscar novos meios de aprender, etc. Essas representações podem ter sido escolhidas pelo fato de o grupo focal ter sido realizado no espaço escolar.

Destacam-se, entre outras falas do grupo focal, algumas que geraram debate, tais como: "Ser jovem é ser 'vida loca': curtir a vida, sair no mundo" e "As pessoas acham que ser jovem é só fazer sexo e beber, ser vagabundo". Percebe-se nessas falas que os jovens deram ênfase à imagem, já destacada por Castro (2009a), do jovem desinteressado, irresponsável e delinquente. Mas essas representações não foram assumidas como auto classificações, ou seja, foram mencionadas como conhecimento das representações que "os outros" fazem da juventude ou que eles fazem de outros jovens. Nesse sentido, pode-se perceber

que os jovens evocam "uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada (...) e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social" mais amplo e que circula inclusive no ambiente escolar (JODELET; 2001: 22).

Outra declaração de um dos jovens que também gerou uma significativa discussão no grupo foi: "Ser jovem é entrar no *facebook*." Ao questionar tal posicionamento junto ao grupo, eles problematizaram relativizando que não são apenas os jovens que utilizam a rede social, mas que ela é um símbolo do moderno, do inovador, da moda e do uso de novas tecnologias, imagem que frequentemente é associada ao jovem, principalmente de contextos urbanos. Nesse aspecto, vemos uma ratificação da imagem juvenil ligada à inovação tecnológica, mas também a perspectiva de similaridade na construção de uma identidade intrageracional que o uso das novas tecnologias permite entre jovens rurais e urbanos, possibilitando que a relação hierárquica entre cidade e campo se atenuie (CASTRO, 2009).

Passando para os dados coletados nas entrevistas com os estudantes, pôde-se chegar ao Gráfico 4:



**Gráfico 4** – Representações sobre juventude dos estudantes da EFAP.

**Fonte:** Pesquisa de campo, 2013.

Aqui, mais uma vez, a representação sobre juventude associada ao conhecimento e aprendizagem, que se destacou no grupo focal, aparece com uma frequência também significativa. A juventude ligada a ter mais autonomia aparece foi bastante citada, mas ela é sempre apontada em comparação à infância, fase na qual se depende mais diretamente dos pais. Ser jovem, nessa perspectiva, aparece nas falas dos informantes como o momento em que a pessoa: "começa a tomar suas próprias decisões. Que ela assim, ganha a frente [...]" ou "começa a entender sobre o que quer, sobre o conceito da vida. É, assim, aí começa a fazer as escolhas próprias, do que quer, aí a pessoa deixa de ser criança". Juventude representada como "curtir a vida" também teve relevância nas entrevistas com os estudantes. Associa-se a essa forma de representação a que percebe o jovem ligado às amizades e à comunicação. Nessas perspectivas, os jovens aparecem como sujeitos divertidos, brincalhões e extrovertidos e as amizades revelam-se como fontes marcantes de socialização. Na própria resposta que um deles deu, vê-se: "[Ser jovem é] viver a vida no máximo, sabe. Viver tudo que ela tem pra oferecer."

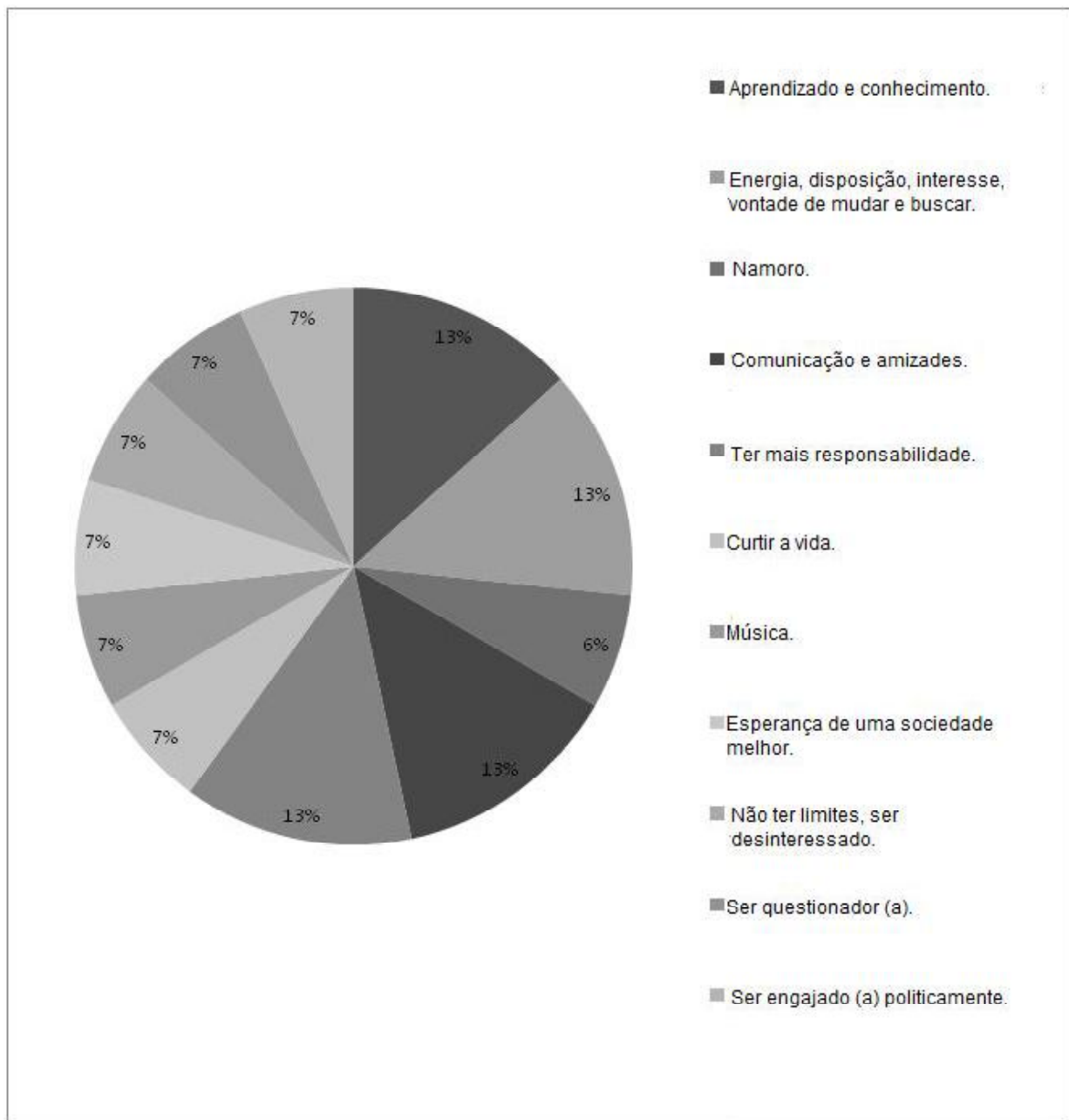
Mas a representação que teve mais circularidade durante as entrevistas com os estudantes foi a do jovem associado a ter mais responsabilidade. Nesse contexto, atributos como ter mais sabedoria, maturidade, ser correto, apareceram com frequência muito significativa, configurando-se como uma imagem positiva e boa do jovem. Em contrapartida, um dos entrevistados pontuou uma imagem inversa a essa, que também apresentou consenso, sobre a juventude como uma fase em que não se preocupa com muitas coisas. Ele construiu essa representação em oposição à representação que ele tinha do adulto, demarcando a constituição de uma família como ritual de transição

para a vida adulta. Para esse estudante, portanto:

Ser jovem é bom demais né. O que você pode fazer, você faz ali. Quando você é adulto você tem que pensar "mil e umas" né, tem que raciocinar, pensar se pode ou não. [...] quando mais você tem uma família aí que a responsabilidade dobra né, porque quando você é jovem você faz coisa sem pensar. Mas quando você é maduro, tem uma família, aí você 'perai, opa', tem que pensar se isso vai poder ou não, se vai ter algumas consequências. É mais ou menos nessa linha assim. (Entrevista de um dos estudantes da EFAP).

Tomadas em seu conjunto, as falas dos jovens apresentam as ambiguidades da própria condição juvenil, expondo as diferentes formas de comportamento que compõem o espectro pelo qual a sociedade define a fase juvenil, ora conferindo-lhe liberdade, ora cobrando responsabilidade. Ainda pode ser destacado que na definição de juventude os entrevistados lançaram mão de categorias classificatórias para demarcar algumas relações entre um "nós" e os "outros", enfatizando atributos positivos e negativos de si e de outros jovens, e também as diferenças entre as gerações, de uma fase infantil já passada e de uma fase adulta que está por vir.

Nas entrevistas com os profissionais da EFAP, não se notou um destaque muito significativo de nenhuma representação específica sobre a juventude. Houve circularidade também nas representações do jovem ligado ao conhecimento do novo, à responsabilidade e à comunicação e amizade. Entre os informantes, alguns atribuíram a juventude desde a imagem do "jovem sem limites" até uma perspectiva de juventude "militante" e "engajada". A síntese dessas representações pode ser vista no Gráfico 5:



**Gráfico 5** – Representações de juventude dos profissionais da EFAP.

**Fonte:** Pesquisa de campo, 2013.

É importante salientar, ainda, que nesse grupo de informantes apareceu pela primeira vez a representação do jovem como agente privilegiado de transformação ou da juventude "engajada" ou "militante", abordada teoricamente por Castro (2009b). Isso foi percebido

tanto entre os que representaram o jovem como esperança de uma sociedade melhor, tanto entre os que representaram a juventude com um sentido político, ativista. Essa visão aparece em falas como: "[...] alguns já tem essa noção mais social e política, de prática" ou

"Eles são muito críticos né, as aulas são bastantes críticas [...] Eles gostam de falar, têm argumento, têm posicionamento, têm fundamento, não é só 'blá blá blá' não." Nessas falas percebe-se com mais clareza a ressonância do discurso político e pedagógico da própria escola, tal como exposto em seu Projeto.

Representações sobre juventude rural apareceram nas entrevistas e no grupo focal, principalmente como forma de reforçar a identidade desses jovens, tanto como iguais, como diferentes dos jovens urbanos. Paulo (2011), ao pesquisar jovens rurais do município de Orobó-PE, aborda elementos de distinção no que tange à construção de suas identidades, refletindo sobre o significado de ser jovem rural. Segundo a autora, percebeu-se que essa identidade (de jovem rural) processou-se relacionalmente, "só tendo sentido falar de jovens rurais ao se considerar os urbanos como o diferente" (PAULO, 2011, p. 142).

Como no caso dos jovens rurais de Orobó-PE, os jovens estudantes da EFAP também reforçaram a identidade do jovem rural como igual ao jovem urbano, ou seja, atribuíram valores gerais ao "ser jovem". Surgiram nas entrevistas elementos tais como: "Ser jovem rural é a mesma coisa que ser jovem urbano"; "Antigamente o jovem rural não tinha acesso à tecnologia, agora é tudo igual". Nessa última frase se pode notar o consumo de aparelhos tecnológicos, tais como o computador e o celular, bem como a inserção no mundo virtual como elementos identitários de interação com a vida urbana, apontados no estudo de Paulo (2011). A autora pontua, contudo, que isso não significa que a juventude rural não atribua ao uso de tais tecnologias um significado próprio da sua cultura.

Por outro lado, o modo de vida, assim como Paulo (2011) constatou em Orobó-PE, também apareceu na EFAP como elemento que diferencia os jovens rurais dos urbanos. Como bem pontuou a autora, "a cultura e o modo de vida são elementos considerados pelos jovens como definidores de sua identidade" (PAULO, 2011, p. 165), principalmente no que tange ao trabalho e à ajuda aos pais nas atividades agrícolas. Nas falas dos informantes da EFAP surgiram questões como: "O jovem rural tem sua cultura, alguns têm pensamento

diferente"; "O jovem da roça não é ser bobo. Eles [os jovens urbanos] acham que são espertos, porque falam gírias, mas a gente que planta pra comer"; "[Ser jovem rural é] ter conhecimento que os jovens da cidade não têm (que é a prática)."

Também foi possível perceber a ambiguidade entre permanecer no campo ou migrar para a cidade, que autoras como Wanderley (2007), Carneiro (2008) e Castro (2009) pontuam. Na fala de um dos entrevistados, percebe-se um possível problema geracional no campo, ou seja, de sucessão e dificuldade de permanência dos jovens. Ele aponta o seguinte problema:

Eu acho que, se hoje o jovem está desanimando, acho que devia ser feito não só aí as políticas públicas, mas eu acho que tinha que assim, botar a mão na consciência e pensar que se o próprio jovem não está querendo ficar no campo, então quem vai ficar daqui a uns tempo? Por que se você for olhar a maior parte aí de quem está ficando no campo são pessoas idosas, que não aguenta mais trabalhar. Ou seja, então vai ficar ali, talvez tem terra que poderia ser cultivada, plantar alguma coisa e vai virar mato, porque ninguém vai trabalhar mais. Então, vai acontecer o que está acontecendo: sair todo mundo da roça pra aglomerar na cidade. Então isso não é bom (Entrevista de um dos estudantes da EFAP).

Em suas indagações, esse jovem expressou não apenas o conflito de representações que permeiam as sociedades contemporâneas sobre como garantir a reprodução social no campo, mas também a inserção dos jovens rurais no sentido de continuidade ou de ruptura com essa realidade.

Para finalizar, passando para a análise de texto e contexto, apontada pelas autoras Pesavento (1995) e Jodelet (2001) como uma ferramenta de suma importância para entender como se configuram as representações, percebe-se que o ser jovem da presente pesquisa está intimamente ligado ao contexto escolar vivido pelos estudantes da EFAP. Muitos deles



apontaram a responsabilidade, conhecer novas experiências e ter acesso a informações novas como atributos que caracterizam a juventude. Como vimos, a EFAP privilegia pedagogicamente esses atributos, como se pode perceber na fala dos jovens que atribuem à escola a função de oferecer uma formação educacional diferenciada e integral, ou seja, apontam-na como o lugar que proporciona a eles experiências que não viveriam fora dali. Estar em um contexto educacional também justifica a amizade que também aparece com frequência na representação dos alunos sobre juventude, sendo a escola um espaço de socialização intrageracional privilegiado.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se trazer à tona as principais representações sobre juventude e juventude rural presentes no contexto da EFAP, tendo em vista que as representações não são espelho da verdade, mas produto do imaginário coletivo de um grupo de atores sociais, e, portanto, intimamente ligadas ao contexto sociocultural a que esses indivíduos fazem parte. Entre outras questões, percebeu-se que, por se tratar de um contexto educacional, sobressaiu uma visão positiva do jovem: ora ligado ao interesse em aprender e conhecer o novo, ora ligado a ter mais responsabilidade e ora à fazer novas amizades e se comunicar.

Percebeu-se, em linhas gerais, que esses elementos que deram significação às representações mapeadas - tais como: ter amizades e ser comunicativo; ter mais responsabilidade; curtir a vida; ter energia e disposição; ter esperança em mundo melhor - são elementos aglutinadores do "ser jovem". Nessas representações, também se incluiria o ser "jovem rural", que, nesse caso, seria igual aos demais. Como Paulo (2011) aponta, o "ser jovem" aparece aí como condição única e universal. Em contrapartida, "não se pode pensar um nós sem eles. Assim, a identidade sempre implica a construção da diferença. Autoclassificar-se significa classificar o outro como diferente de si. Assim, a identidade só existe na relação com a diferença" (PAULO, 2011, p. 206). Nesse contexto, também foi significativo o posicionamento dos jovens rurais da

EFAP no que tange à diferenciação dos mesmos em relação aos jovens urbanos, já que o contexto escolar prepara esses jovens para o trabalho no campo, influenciando nos limites de identificações e similaridades que eles podem estabelecer com os demais jovens brasileiros. Nesse sentido, a fala do jovem que se pergunta sobre o futuro do campo não deixa dúvidas de que uma das diferenças que marcam as juventudes brasileiras diz respeito ao papel que jovens rurais e urbanos vão assumir na sociedade.

#### REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983.

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, W. ;

\*CASTRO, E. G. Juventude Rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latino Americana de Ciências sociais, Niños y juventud**, v. 7, n.1, enero-junio, 2009a.

\_\_\_\_\_. **Os jovens estão indo embora?** Juventude rural e construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009b.

DAYRELL, Juarez et al (Org.) **Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

\*DURKHEIM, Emile.; MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação. Contribuição para o estudo das representações coletivas. In:

\_\_\_\_\_. **Ensaio de Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulus, 2008.

\*FERREIRA, Brancolina; ALVES, Fábio. Juventude

Rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar. In: CASTRO, Jorge Abrahão de (Org.). **Juventude e Políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009.

FOERSTE, Erineu; JESUS, Janinha Jerke de. **Escolas Famílias Agrícolas**: um projeto de educação específico para o campo. Disponível em: <<http://educacaodocampo-bibliotecavirtual.blogspot.com.br/2011/02/7-escola-familia-agricola-casa-familiar.html>> Acesso em: 30/04/2013

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Trad. de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MARTONI, P. P. (Org.). **Retratos da Juventude Brasileira**: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy. **Escola Família Agrícola**: uma resposta alternativa à educação do meio rural. *Revista da UFG*. v. 7, n. 1, 2005. Disponível em: <[http://www.proec.ufg.br/revista\\_ufg/agro/Q02\\_escola.html](http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/agro/Q02_escola.html)> Acesso em: 30/04/2013

PAULO, Maria de Assunção Lima de. **Juventude Rural**: suas construções identitárias. Recife: EDUFPE, 2011.

PAIS, J. M. **A construção sociológica da juventude**: alguns contributos. *Revista Análise Social*. v.25, 1990.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**. v. 15, n. 29, 1995.

\_\_\_\_\_. **Catarina come gente**: Imaginário. São Paulo:USP. 1998. (n.4)

PESSOTI, Alda L. **Escola família agrícola**: uma alternativa para o ensino rural. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1978.

\*SILVA, Enid Rocha Andrade da ; ANDRADE, Carla Coelho de. A política Nacional de Juventude: avanços e dificuldades. In: CASTRO, Jorge Abrahão de (Org.). **Juventude e Políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009.

WANDERLEY, M. N. B. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, M. J; CASTRO, E.G. (Org.). **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 21-33.

WEISHEIMER, N. **Juventudes Rurais**: mapa de estudos recentes. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

RECEBIDO EM 17/7/2013

ACEITO EM 22/5/2014